

PROJETO "Cia. Experimental Mu... Dança" - Diadema

ÁREA 3.2 - INSCRIÇÃO Nº 601

- 1) Inicialmente, viabilizar e possibilitar a frequência e participação dos participantes num grupo psicoterapêutico com atividade que utiliza a técnica da dança-teatro como dispositivo. Proporcionar um grupo acolhedor onde os participantes sintam-se seguros para repensar e recontar suas histórias de vida, suas experiências de enlouquecimento, de sofrimento, de preconceito, discutindo-as com o grupo. A partir disso, os participantes são capacitados a ressignificar suas histórias, materializando essa ressignificação dançando através de atividades/ coreografias/ espetáculos. Assim, desejávamos e observamos uma significativa diminuição no número das crises e internações. O fato da história de vida ser aceita e ressignificada no grupo e no palco, aumenta a auto-confiança do participante, facilitando sua integração na sociedade, sua circulação e reflexões individuais, sociais, políticas e culturais; capacitando-o a olhar ângulos que até então não haviam sido percebidos, refletindo sobre as diferenças individuais e a pluralidade das percepções. Os participantes ganham em autonomia e sentem-se investidos, aumentando significativamente sua qualidade de vida, proporcionando saúde para os participantes e, conseqüentemente, para todos com quem convivem. Também desejávamos e conseguimos criar um diálogo entre a sociedade e os participantes, pois, através da linguagem artística utilizada os espectadores passam a compreender o que é "enlouquecer" e suas implicações de uma maneira mais acessível. Ao final de cada espetáculo, sempre travamos com o público um debate sobre o trabalho, a loucura, os tratamentos, todos os tipos de exclusão que vivenciamos no dia-a-dia, exercitando a cidadania do grupo e dos espectadores, otimizando uma Mu... Dança social e repensando os estereótipos e preconceitos, aumentando o conhecimento da sociedade sobre a loucura e a exclusão (louco, pobre, deficiente físico, etc) e dos participantes sobre suas movimentações sociais possíveis.
- 2) Consiste em um grupo psicoterapêutico de dança que se encontra uma vez por semana, durante duas horas (no período que antecede as apresentações marcamos encontros extras com até dez horas de duração). Nestes encontros, conversamos e experienciamos atividades e situações vivenciais do grupo que relacionem-se com a proposta de reflexão (exclusão,

ser louco, tratar-se, etc), criando coreografias e espetáculos que relatam as histórias de vida de enlouquecimento dos participantes (pacientes do CAPSI), seus sentimentos e suas reflexões com relação à própria doença, ao tratamento que receberam (manicômios) X o que recebem (serviços abertos substitutivos), ao resgate da cidadania que perderam no processo de enlouquecimento e em tratamentos feitos através do princípio da exclusão viabilizado pela manutenção de depósitos de loucos (manicômios), reconhecidamente amigaladores da identidade. No final de cada espetáculo acontece um debate entre participantes e plateia voltado para estas questões, sensibilizando a sociedade neste debate. Assim, as histórias dos participantes são resignificadas pela linguagem da dança-teatro e levadas aos palcos, travando-se debates com os participantes e a sociedade referentes a saúde, loucura, tratamentos, exclusão, inserção social, estigmatização, preconceito, cidadania, etc. Assim, o projeto tem uma atuação clínica psicológica para cada participante (pacientes, comunidade e técnicos) e uma atuação social e promotora de cidadania para todos os participantes e toda a sociedade que, de alguma forma, conhece o trabalho da Cia. nos debates ou na circulação social do grupo.

3) O projeto "Cia. Experimental Mu..Dança" iniciou como projeto de estágio em psicologia no CAPSI. O estagiário, estudante de graduação, adquire este cargo através de concurso. Ao término da graduação, ele é desligado automaticamente de seu cargo. Para que o projeto piloto continuasse a existir com a mesma equipe dirigente, foi necessária uma nova contratação deste profissional. Assim, o PIS (programa de Integração Social, parte do CAPSI responsável pelas atividades culturais, artísticas e de integração social) resolveu manter o projeto como uma de suas oficinas artísticas. A Prefeitura mantém no CAPSI-PIS oficinas artísticas-educadores através de um contrato desta com uma cooperativa de artistas-educadores. Por meio deste canal, o profissional idealizador do projeto pôde ser recontratado, mantendo a continuidade do trabalho com a mesma equipe. Vale salientar que a psicóloga coordenadora do PIS é cooterapeuta neste projeto.

4) O público-alvo consiste em, primeiramente, pacientes do CAPSI que se interessaram pelo projeto e quiseram participar, técnicos do CAPSI (neste momento o grupo conta com duas psicólogas, uma diretora artística e oficinaira de dança contratada através da

cooperativa e outra diretora executiva, funcionária do CAPSI; uma auxiliar de enfermagem, um estagiário de psicologia, duas estagiárias de terapia ocupacional, sendo que uma delas participa apenas em espetáculos, apoiando os participantes nos bastidores); pessoas da comunidade que, de alguma forma, ficaram sabendo do projeto e interessaram-se em participar (neste momento, contamos com quatro garotas adolescentes) e todas as pessoas que se relacionam com o trabalho: patrocinadores, técnicos e pacientes do CAPSI que não fazem parte do grupo mas que percebem suas movimentações, todas as pessoas que assistem o espetáculo e participam dos debates e também todas que entram em contato com o trabalho da Cia, por meios de comunicação ou por propaganda boca-a-boca. A Cia Experimental Miu... Dança conta hoje com 23 artistas: 7 pacientes homens, 6 pacientes mulheres, 4 pessoas da comunidade e 6 técnicos. O projeto atende 20% do público potencial no PIS. A princípio, houve uma divulgação e inscreveu-se para o projeto quem se interessou. Hoje, a Cia. é conhecida e quem deseja participar procura entrar em contato. Não há critérios de exclusão.

5) É difícil avaliar o custo total do projeto, já que o gasto resume-se ao salário dos profissionais e estagiários. O salário pago aos profissionais corresponde a uma jornada de 40 horas semanais, e o dos estagiários, 30 horas semanais, sendo que cada um dedica 2 horas semanais ao projeto, incluídas em sua carga horária de trabalho. Isto significa que não há uma verba específica destinada ao projeto, a não ser o salário da psicóloga oficinaira de dança, que recebe R\$ 30,00 por hora. Nas apresentações, gastamos com água, comida e transporte, gastos assumidos pelas instituições que nos convidam, pela Prefeitura ou pelo dinheiro das pessoas do grupo. As fantasias e os cenários foram confeccionados a partir de doações, reciclagens e com o dinheiro dos participantes. Os ensaios ocorrem em centros culturais. Apesar dos gastos serem tão reduzidos, este é um projeto piloto que deseja abrir novas possibilidades de tratamento em serviços substitutivos. Entretanto, é necessário ressaltar que os recursos atualmente disponíveis estão abaixo do ideal; dias horas por semana é pouco, com o aumento da carga horária os resultados seriam ainda mais satisfatórios.

6) O projeto "Cia. Experimental Mu... Dança" conta com: uma psicóloga oficinaira de dança diretora artística e idealizadora do projeto, uma psicóloga cooterapeuta diretora executiva, uma auxiliar de enfermagem cooterapeuta, um estagiário de psicologia cooterapeuta, duas estagiárias de terapia ocupacional cooterapeutas. Apesar de existirem duas mulheres nos principais cargos de direção, nenhuma decisão é tomada sem que seja discutida e o grupo entre em acordo. Além disso, todos executam, já que todas as tarefas são divididas de acordo com a necessidade do momento.

7) O projeto acontece no CAPSI (Centro de Atenção Psicossocial Integral) de Diadema. Este é um serviço de tratamento em saúde mental para pessoas que sofrem de neuroses graves e psicoses, substitutivo ao manicômio. O CAPSI está subordinado a Diretoria de Saúde Mental da Secretaria de Saúde da Prefeitura Municipal de Diadema, atualmente, o serviço apresenta a seguinte constituição:

- PIV (Programa de Intensidade Variável): funciona como ambulatório comportando atendimento psicofarmacológico, grupos psicoterapêuticos e atendimentos psicoterápicos individuais;
 - PID (Programa de Intensidade Diária): funciona como um hospital Dia, comportando cerca de 14 pacientes;
 - PIS (Programa de Integração Social): funciona com oficinas artísticas, atividades culturais e eventos que trazem como finalidade a proposta de inclusão social.
 - Comissão de Ensino: constitui o espaço responsável pela direção e manutenção dos estágios supervisionados em Psicologia e em Terapia Ocupacional na Instituição.
 - Associação Livre: Associação inserida no Movimento de Luta Antimanicomial formada por usuários, familiares, amigos e profissionais da Saúde Mental de Diadema.
- O projeto é viabilizado pelo PIS, já que é através deste que a diretora artística ocupa o cargo de oficinaira de dança, sem o qual não haveria contratação. O cargo de oficinairo existe a partir de um contrato entre a Prefeitura de Diadema e a Cooperativa Paulista de Artistas Educadores.

8) No grupo contamos com a participação, além dos pacientes e dos técnicos, de pessoas da comunidade. Hoje, contamos com quatro garotas adolescentes. Além disso, a comunidade

participa ativamente nos debates que existem sempre ao final de cada espetáculo e também como patrocinadores quando procuramos pelos comércios da cidade doações para construirmos nossos cenários e figurinos. Ainda contamos, também, com a convivência nos centros culturais da cidade, ensaiando e participando dos eventos, no contato direto com artistas e seu público.

9) A afinidade de dança-diretora artística era estagiária de psicologia no CAPSI, e a diretora executiva, sua supervisora de estágio. Um dos objetivos do estágio no CAPSI é que no fim deste, o estagiário possa criar e desenvolver um projeto no serviço. Assim, devido a história de vida da estagiária, esta propôs a criação de um projeto envolvendo dança. A supervisora aprovou, e também tinha algumas reflexões sobre a ideia. Assim, decidiram juntar-se e tentar montar um grupo de dança onde os pacientes do CAPSI pudessem reconstruir suas histórias de vida e retomá-las, utilizando-se da dança como expressão. A principal ideia era abrir a discussão com quem viesse participar do grupo para que o projeto se constituísse a partir das demandas do grupo, e foi exatamente assim que seguimos. As inspirações vieram de muitos lugares, das histórias de vida de cada um que se aproximava do projeto.

10) Inicialmente, por compreendermos a aculturação como um fator de enlouquecimento e como a população de Diadema é constituída basicamente de migrantes das regiões norte e nordeste, acreditávamos que as histórias que pulsariam seriam as mais ligadas a culturas regionais (Bois, Maracatus, etc). No decorrer do trabalho, percebemos que a demanda era exatamente falar sobre a história de enlouquecimento e suas conseqüências. Assim, o grupo seguiu este caminho, elaborando o seu primeiro espetáculo "das Loucuras Da História".

11) Nosso principal obstáculo é a questão financeira. O grupo sobreviveu 6 meses com a diretora artística trabalhando voluntariamente, temos dificuldades para manter publicidade em nossos eventos, muitas vezes falta comida e água para o grupo. Também é muito difícil conseguir uma apresentação num teatro em São Paulo, o que seria uma ótima janela para o trabalho, ampliando ainda mais nossas discussões. Estes obstáculos ainda persistem e

tentamos lidar da melhor maneira possível, a competência e profissionalismo dos participantes são, sem dúvida, os maiores responsáveis pelos enfrentamentos até agora.

12) No último ano nenhum dos pacientes que participam do programa entrou em crise e só tivemos uma internação, por motivo de segurança, durante o mínimo de tempo possível. É nítido que, a partir da inclusão social, dos benefícios que o projeto trouxe para a identidade dos participantes e para o exercício da cidadania do grupo, este ganhou, e muito, em saúde mental e em qualidade de vida. Medimos o sucesso do projeto em todos os encontros, sempre questionando nossas reflexões anteriores.

13) O mais importante é que levamos esta discussão sobre a loucura e como lidar com ela para a sociedade de uma maneira que os pacientes tem melhoras clínicas significativas, onde grupo e sociedade exercem seu direito a cidadania, colocando-se críticos e ativos perante uma questão que estava, até pouco tempo, confinada.

14) Nosso projeto se diferencia de todos os projetos que utilizam-se da dança no tratamento de transtornos psiquiátricos. Para as pessoas que se tratam em serviços substitutivos ou em manicômios, existe uma grande dificuldade em retomar a própria história de surto, as dificuldades, os preconceitos. Ao mesmo tempo, é extremamente saudável esta recordação, quando acompanhada de mecanismos que possibilitem dar a esta história novos significados, já que a pluralidade das percepções que o mundo nos oferece é infinita. Assim, o grupo se utiliza da técnica da dança-teatro e de intervenções psicológicas para tratar as pessoas de uma forma bio-psico-social, o mais abrangente possível.

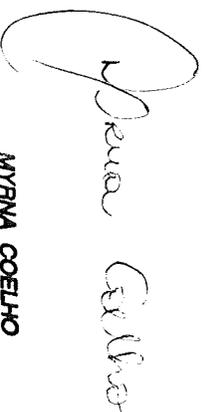
15) Atualmente, nos serviços de saúde mental públicos, a grande maioria dos usuários é constituída de pessoas em situação de pobreza. Pobres-loucos mostrando sua arte-vida para a sociedade e debatendo sobre estes e outros aspectos tem vários ganhos. Muitas vezes, pessoas da plateia tem verdadeiros insights refletindo e resignificando seus preconceitos, medos, estigmatizações. Como exemplo, podemos citar que um dos pacientes do projeto é catador de papelão. Sempre pega papelão com seu carrinho passando na frente de uma escola, onde os adolescentes o recriminavam e até o ofendiam. Num dos nossos debates

pós-espetáculo, uma adolescente o reconheceu, pudemos conversar com toda a escola, o que criou uma inserção completamente nova e saída para o paciente e reflexões de extrema importância social para os adolescentes e toda a platéia, que multiplicou esta experiência em suas vidas. Nossa reflexão não é só sobre a loucura, mas sobre todos os tipos possíveis de exclusão, e um dos tipos de exclusão tão fortes como a loucura é, sem dúvida, a pobreza. Infelizmente, loucura e pobreza caminham lado a lado na nossa sociedade.

16) Nosso projeto não trabalha com nenhum critério de exclusão. Os participantes resgatam exercer sua cidadania e, a platéia, se sensibiliza pelas questões, parando para refletir sobre sua inserção social e suas responsabilidades com relação aos problemas sociais do nosso país. Assim, todos assumem seus papéis de cidadãos responsabilizando-se frente a grava situação que vivemos socialmente.

17) É a primeira vez que participamos.

18) Uma deficiência extremamente significativa é o fato de nos encontrarmos apenas duas horas por semana. Ao encontrarmos-nos com mais frequência, os resultados clínicos seriam maiores e passariam a existir com mais rapidez, além de investirmos mais na divulgação e criação de novos espetáculos. Como é um projeto piloto, ainda atende apenas poucas pessoas. Falta organização (e dinheiro) para que possamos mostrar nosso trabalho a um número cada vez maior de pessoas, levando a discussão e o exercício da cidadania para uma grande amostra da população. Nosso projeto precisa de apoio dos meios de comunicação em massa, para que possamos ampliar estas reflexões.



MYRNA COELHO
Psicóloga
CRP 06/60683-1